

*Vir bonus peritissimus aequē.*

**Estudos de homenagem  
a  
Arnaldo do Espírito Santo**

**Maria Cristina Pimentel  
Paulo Farmhouse Alberto  
(eds.)**

**Centro de Estudos Clássicos**

**LISBOA  
2013**

**Título:**

*Vir bonus peritissimus aequē.*

Estudos de homenagem a Arnaldo do Espírito Santo

**Edição de:**

Maria Cristina Pimentel

Paulo Farmhouse Alberto

**Revisão:** Ana Matafome, Ricardo Nobre e Rui Carlos Fonseca

**Publicado por:**

Centro de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras  
da Universidade de Lisboa

Alameda da Universidade

1600-214 Lisboa – Portugal

Tel.: (351) 217 920 005

Fax: (351) 217 920 080

E-mail: [centro.classicos@fl.ul.pt](mailto:centro.classicos@fl.ul.pt)

Website: <http://www.fl.ul.pt/cec>

**Paginação e impressão:**

Grifos – Artes Gráficas, Lda.

**Capa:** Paulo Pereira

**Foto de capa:** José Furtado

**Número de exemplares:** 500

**Lisboa | 2013**

**ISBN:** 978-972-9376-29-0

**Depósito Legal:** 366077/13

## Algumas considerações sobre a onomástica romana na região de Olisipo: os *Fabricii*

MARIA MANUELA ALVES DIAS

CATARINA GASPAR

Centro de Estudos Clássicos da  
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa  
epigraphica@gmail.com

Lisboa romana no séc. II tinha entre os seus habitantes elementos da classe senatorial, como *L. Caecilius L. F. Celer Rectus*, muito provavelmente *L. Fabius Iustus* e *Cn. Lucceius Albinus*. Os dois primeiros estão ligados a Plínio o Jovem, uma vez que é a eles que *Aquillius Regulus* pede que o reconciliem com Plínio (*Epistulae*, I, 5, 8); *Cn. Lucceius Albinus* é referido em duas cartas (*Epistulae*, III, 9, 7; IV, 9, 13)<sup>1</sup>.

No caso de *L. Caecilius L. F. Celer Rectus*, a sua ligação à cidade, que lhe dedica uma inscrição (CIL II 190), levou os prosopógrafos a considerá-lo originário de Olisipo<sup>2</sup>. *L. Fabius Iustus* teria ligações familiares em *Olisipo*, como sugere o epitáfio de *L. Fabius Iusti f. Gal. Rufus Cluniensis*, que morreu em Lisboa, onde *Caecilia Gemina Olisiponensis*, sua mulher, lhe erigiu um monumento funerário (CIL II 214).

Quanto ao senador *Cn. Lucceius Albinus*, ele seria filho do cavaleiro *Lucceius Albinus*<sup>3</sup> e as suas ligações às elites da cidade são explícitas e unanimemente aceites<sup>4</sup>, ao estabelecer a relação deste com as notáveis locais na pessoa da *Lucceia Q. f. Albina Terentiani (uxor)*, filha da flamínica da província da Lusitânia *Servilia L. f. Albini (uxor)* (CIL II 194), que com ela partilha uma mesma base, com duas inscrições, uma em cada face<sup>5</sup>.

---

<sup>1</sup> Cf. R. SYME, “Pliny The Procurator”, *Roman Papers*, II p. 772. FRANÇOISE DES BOSCS-PLATEAUX, *Un parti hispanique à Rome? Ascension des Élités Hispaniques et pouvoir politique d’Auguste à Hadrien (27 av. J.-C - 138 ap. J.-C.)*, Casa de Velázquez, Madrid, 2005, p. 535.

<sup>2</sup> Sobre este senador e governador da Bética cf. FRANÇOISE DES BOSCS-PLATEAUX, idem, p. 536, n.º 79 (com bibliografia anterior).

<sup>3</sup> Cf. FRANÇOISE DES BOSCS-PLATEAUX, idem, p. 540, n.º 173.

<sup>4</sup> Cf. R. SYME, ibidem; A. CABALLOS RUFINO, *Los senadores hispanorromanos y la romanización de Hispania (siglos I - III p.C.)*, Sevilha, 1990, n.º 104; FRANÇOISE DES BOSCS - PLATEAUX, idem, p. 517, n.º 63.

<sup>5</sup> A. STYLOW, ANGEL VENTURA VILLANUEVA, “Doppelstatuenpostamente und virtuelle Statuen. Neues zu Vorfahren mütterlicherseits und zu CIL II 195 aus Olisipo”, *Chiron*, 36, 2005, pp. 36-42, aceitando as ligações familiares propostas por SABINE LEFEBURE, “Q. (Luccius Albinus), *flamen Provinciae Lusitaniae?*

Também de Lisboa é *Iulia D. f. Cassiana, clarissima femina* (CIL II 4994; Prosopographia Imperii Romani 2, I 656, cf. 248), que terá vivido em inícios do séc. III d.C.; aqui há notícia de uma inscrição que lhe foi feita pelas suas duas filhas. As *Thermae Cassiorum*, referidas numa outra inscrição da cidade (CIL II 191 +p. 810, 1029) devem ter resultado de um acto de evergetismo da sua *gens*, que tem forte presença no território de *Olisipo* e dos seus *agri*.

Abaixo desta elite de senadores e cavaleiros que conseguem ultrapassar os limites da sua província, existe uma teia de relações familiares que unem os notáveis locais entre si, ou porque estão ligados a um mesmo território agrícola, ou porque partilham o mesmo cargo ao mesmo tempo, ou porque estabeleceram entre si laços de parentesco que sentem necessidade de perpetuar referindo-os explicitamente ou utilizando, na frase onomástica, *cognomina* derivados de gentilícios que conservam uma relação inter-gentilícia que de outro modo não seria perceptível. Além das relações onomásticas explícitas, há que ter em conta os movimentos de grupos familiares, solitariamente ou em associação, que protagonizaram uma colonização interna para outros espaços urbanos, como por exemplo aconteceu entre algumas famílias destacadas de *Olisipo* e a cidade flávia de *Balsa*<sup>6</sup>.

As elites locais de *Olisipo* estão patentes em textos epigráficos, onde as vemos a desempenhar cargos políticos e religiosos (no âmbito do culto imperial), como evergetas (*Cassii*) e, naturalmente, nos textos funerários. Olhando para os gentilícios destas elites locais, verifica-se que, geralmente, esses mesmos gentilícios estão bem implantados no tecido social da cidade e dos seus *agri*, o que aponta para uma consistente presença dessas *gentes* no território. A excepção é a *gens Fabricia* que não mostra grande implantação no terreno; em toda a Hispânia o gentilício aparece pela primeira vez por volta do ano 57 a.C. numa moeda de Cartago Nova<sup>7</sup>, e embora, em época imperial, esteja documentado na onomástica da cidade<sup>8</sup>, deixa de estar entre os gentilícios das elites para apenas aparecer entre os notáveis de *Ilici*<sup>9</sup> e de Lisboa<sup>10</sup>. Na Lusitânia, além

L'origine sociale des flamines provinciaux de Lusitanie", in M. Navarro Caballero, Ségolègen Demouglin (eds.), *Élites hispaniques*, Bordeaux, 2001, pp. 217-239.

<sup>6</sup> Cf. M. M. ALVES DIAS, "A propósito de duas inscrições romanas da Quinta de Torre de Ares (Luz, Tavira)", *O Arqueólogo Português*, s. 4, 6/7, 1988-1989, pp. 241-262.

<sup>7</sup> Trata-se de uma recunhagem de um *semis* sobre peças do tipo ginete ibérico e outras; anv. em cartela *L. Fabriciu*, rev. serpente enroscada e por baixo *P. Ateliu*, Cf. OCTÁVIO GIL FARRÉS, *La moneda hispánica en la edad antigua*, Madrid, 1966, pp. 246, 249 e 266; datada de 57 a.C. por F. BELTRÁN LLORIS, "Los magistrados monetales en Hispania", *Numisma*, 28, 1978, pp. 169-207, datação p. 197.

<sup>8</sup> *L. Fabricius L. f. Fimbria* (CIL II 3463) e *L. Fabricius L. f. Lenae*, dados da primeira metade do séc. I, d.C. Cf. JUAN MANUEL ABASCAL PALAZÓN, SEBASTIÁN F. RAMALLO ASENSIO, *La ciudad de Carthago Nova: La documentación epigráfica*, vol. I, Murcia, 1997, pp. 344 e 345.

<sup>9</sup> *P. Fabricio Iusto / P. Fabricio Resp[ect](o) / II vi(ri)s templu(um) Iunonis / ex decreto ordin(is) / d(e) s(ua) p(ecunia) r(es)p(ublica) restituit* (CIL II 3557) revisão de MANUEL A. RABANAL ALONSO, JUAN MANUEL ABASCAL PALAZÓN, "Inscripciones romanas de la provincia de Alicante", *Lucentum*, 4, 1985 [1986], pp. 195-244, especialmente 195-196.

<sup>10</sup> Cf. CIL II 187 + p. 692 (publicada com outra leitura em VIEIRA DA SILVA, n.º 23): *Imp(eratori) Caes(ari) Imper(atoris) / M(arc)i Aurel(i) Antonini / Aug(usti) f(ili) divi Pii nep(oti) divi / Hadr[iani] pron(e-poti) divi / Trai(ani) Parthici abnep(oti) / L(ucio) Aurelio Commodo / Aug(usto) German(ico) Sarm(atico) / Fel(icitas) Iul(ia) Olis(ipo) / per Q(uintum) Coelium Cassianum / et M(arcum) Fabricium Tuscum Ilvir(os) - a que se junta uma outra referência que resulta de uma nova leitura da epigrafe n.º 10 de VIEIRA DA SILVA. A distribuição geográfica do gentilício na Hispânia aponta para além de Lisboa, a costa mediterrânica de Valência e Cartagena, com alguma penetração no interior, e a costa galega. Filiar o estabelecimento desta *gens**

das inscrições de Lisboa e seus *agri*, há apenas mais um exemplo proveniente de Vila Nova de Ourém<sup>11</sup>.

Sabemos que, entre 178 / 180 d.C., o governo da cidade foi partilhado entre *M. Fabricius Tuscus* e *Q. Coelius Cassianus*. Se *Coelii* e *Cassii* estão bem implantados no tecido social da cidade e dos *agri* e estabeleceram mesmo entre si laços de parentesco, como o *cognomen Cassianus* deixa adivinhar, *M. Fabricius Tuscus* também não podia ser um completo desconhecido.

Os *Fabricii* aparecem numa inscrição do sítio de Cadafais (CIL II 288)<sup>12</sup>, uma importante vila romana, a avaliar pelos restos arquitectónicos existentes; aí encontram-se dois pedestais do mesmo mármore de lioz, igualmente imponentes; num pedestal funerário refere-se um *M. Fabricius [---] f. Gal Marcianus*, a quem *Severa Florilla* se associa; a inscrição deve datar da 2.ª metade do séc. II. O outro pedestal refere *L. Terentius Primitius* e foi mandado fazer pela mãe, *Iunia Festina*<sup>13</sup>, inscrição também datada do séc. II, embora, pelo tipo de letra, pareça anterior à primeira. Não é possível avaliar o que poderia ter unido *Terentii+Iunii* aos *Fabricii*, mas sabemos que os *Fabricii* estavam unidos familiarmente aos *Marcii* como indica, na inscrição dos Cadafais, o cognome *Marcianus* a lembrar uma relação familiar que lhe era cara, e que partilhava com *T. Marcus Marcianus Ilvir* da cidade entre 112 e 119<sup>14</sup>.

Os *Terentii* dominavam uma região agrícola fértil, onde se incluem os Cadafais, estando bem representados em Alenquer<sup>15</sup>, junto ao curso do Tejo, uma região próxima das vias romanas que ligavam *Olisipo* a *Scallabis*<sup>16</sup>.

Até agora os *Terentii*, embora com uma forte implantação local<sup>17</sup>, e alguns deles inscritos na tribo *Galeria* nunca tiveram, entre os seus, um funcionário municipal; o mais próximo que estiveram das honras municipais foi através da sua parente, *Luceia Albina Terentiani (uxor)*, a que aparece no pedestal duplo acima mencionado. Ao esta-

---

nas primeiras colonizações itálicas é possível se tivermos em conta o testemunho de *L. Fabricius* de 45 a.C., mas não temos provas da extensão a Lisboa de qualquer iniciativa deste género no que respeita aos *Fabricii*.

<sup>11</sup> CIL II 73 coloca-a entre as da colecção de Cenáculo, de origem incerta; primeiramente, foi atribuída a Beja para onde Cenáculo fez deslocar a sua colecção, começada em Lisboa e onde lhe juntou mais algumas epígrafes antes de a transferir de novo, desta vez para Évora; IRCP 349 atribuiu-a a Vila Nova de Ourém: *D(is) M(anibus) s(acrum) / Fabricio Fro/ntoni an(norum) / XXVI Fabri/cius [G]allio / pater et Alb/ura mater / filio pient/issimo f(aciendum) c(uraverunt) / h(ic) s(itus) e(st) s(iti) t(ibi) t(erra) l(evis)*.

<sup>12</sup> A inscrição existe e está junto à igreja de Cadafais, no concelho de Alenquer; transcrevemos a leitura do CIL II 288, pois devido ao estado de conservação da inscrição não foi possível rever a leitura: *M(arcus) Fabricius / [---] filius G(aleria) Mar/cianus an(norum) XXII / Sev(era?) Florilla / TLIORIL*.

<sup>13</sup> CIL II, 319: *D(is) M(anibus) / L(ucius) Terentius / Primit[i]us / an(norum) XXXII / Iunia Festina mater / f(ilio) pientissimo / fec(it)*.

<sup>14</sup> CIL II 4993: *Matidiae / Aug(ustae) / Fel(icitas) Iul(ia) Olisipo / per / Q(uintum) Antonium Gallum / T(itum) Marcium Marcianum / Ilvir(os)*. Para a datação Cf. MARIE-THÉRÈSE RAEPSAET-CHARLIER, *Prosopographie des femmes de l'ordre sénatorial (Ier-IIe s.)*, Peeters, Louvain, 1987, n.º 681. *Matidia* era sobrinha de Trajano e filha da sua irmã, Úlpia Marciana, e de *C. Salonius Matidius Patruinus*; recebeu o título de Augusta a 29 de Agosto de 112; foi divinizada em 119, aquando da sua morte.

<sup>15</sup> CIL II 275: *Atinae L(uci) f(iliae) Amoena Tusci / M(arco) Terentio M(arci) f(ilio) Gal(eria) Aquilae / Terentiae M(arci) f(iliae) Tuscae / M(arcus) Terentius Tuscus suis f(aciendum) c(uravit)*.

<sup>16</sup> Cf. VASCO MANTAS, "A estrada romana de Olisipo a Scallabis. Traçado e vestígios", in *Actas da Mesa Redonda de Olisipo a Ierabriga, Cira Arqueologia, Junho 2012*, pp. 7-23.

<sup>17</sup> Cf. *Atlas Antroponimico de la Lusitania Romana*, Mérida - Bordeos, 2003, pp. 317-318, mapa n.º 292.

belecer este laço familiar com os *Terentii*, os *Lucceii*, à época em clara ascensão social, garantem-nos que os *Terentii* eram uma ligação familiar a não menosprezar.

A uns escassos 20 Km dos Cadafais, *Coelius Cassianus*, que pode ser identificado com o colega de *Fabricius Tuscus* no duovirato, tinha uma propriedade rústica<sup>18</sup>, onde ergueu um monumento funerário a seu filho *Coelius Aquila*<sup>19</sup>.

Não é possível dizer em que medida *M. Fabricius Marcianus*, o que aparece nos Cadafais, está relacionado com *M. Fabricius Tuscus*, o *Ilvir*, mas o cognome *Tuscus* e o *praenomen M.* estão documentados entre os *Terentii* de Alenquer. Poder-se-ia pensar num ramo dos *Fabricii (Marciani)* que numa ligação aos *Terentii* tenham sido levados a usar o cognome *Tuscus*? Ou seria que os *Terentii* se associam aos *Fabricii* por via feminina através dos *Iunii*?

A nova leitura de uma inscrição encontrada em Lisboa pode sugerir preferencialmente esta ligação, vejamos como. Em 1940, foi encontrada no Castelo de S. Jorge, quando se procedia a trabalhos de restauro, uma inscrição funerária romana com três linhas de texto claramente visíveis, conservada actualmente no Museu da Cidade (Lisboa). O suporte sofreu um desbaste em todo o seu perímetro, além da natural “degradação diferenciada”, tão característica da pedra lioz. Vieira da Silva, quem primeiro a publicou<sup>20</sup>, sugeriu que pelo desgaste ela teria sido utilizada como laje de pavimento. Em época de reutilização da peça, foi nela gravado o desenho de um tabuleiro de jogo que, neste caso, é o alquerque dos doze<sup>21</sup>, que também apresenta desgaste, embora menor que o do texto romano.

O corte da pedra só afectou o texto nas partes laterais, no entanto, isto não impede a leitura de quatro linhas. Vieira da Silva (1944) leu apenas as duas primeiras linhas do texto e parte da l. 3, mas notou que eram visíveis vestígios do resto do texto. Ao observarmos a pedra, verificámos que é possível ler toda a l. 3 e a l. 4, donde resulta a seguinte leitura:

D(iis) M(anibus) / [Iu]n[i]a[?] Marcel[lae] /matri optimae / [M F]abricius Tuscus II / [-----]



Pormenor da inscrição n.º 10 de Vieira da Silva (l. 2 - 4)

<sup>18</sup> Perto de Dois Portos, limite de Torres Vedras.

<sup>19</sup> Cf. CIL II 284 inscrição datada do séc. II, como prova o adjectivo *piissimus*.

<sup>20</sup> Cf. VIEIRA DA SILVA, *Epigrafia de Olisipo (Subsídios para a História da Lisboa Romana)*, Lisboa, 1944, pp. 103-104.

<sup>21</sup> Cf. LÍDIA FERNANDES, EDITE ALBERTO, “Sobre os jogos gravados em pedra do Distrito de Castelo Branco”, *Açafa on-line*, n.º 2, Associação de Estudos do Alto Tejo, 2009, pp. 25-26.

Na l. 2, Vieira da Silva propôs [IV]N(I)AI admitindo que as duas verticais que iniciam a linha são um N; de facto, entre elas foram feitos dois traços oblíquos que, à primeira vista, podem sugerir esta interpretação. A observação da inscrição permitiu ver restos da parte inferior da haste oblíqua do N e o último traço vertical da letra; sendo assim, o segundo traço vertical da l. 2, é o segundo I de *Iunia*. Entre o N e o I, ligando-os, foram posteriormente gravados traços oblíquos, menos profundos e possivelmente coevos do traçado do jogo. Propomos assim *Iunia* como tinha sugerido Vieira da Silva. Quanto à terminação -AI por -AE, para o dativo do singular da 1.ª declinação, devido ao desgaste do suporte não é possível garantir que o traço vertical hoje visível não pertenceria a um E, visto que as restantes formas de dativo singular da 1.ª declinação desta inscrição terminam sempre em -AE.

Na l. 3, Vieira da Silva leu *mater*; a observação da pedra permite ler nessa linha a locução *matri optimae*.

Finalmente, na l. 4, é possível ler [---]ABRICIVS TVSCVS II, que sem problemas de maior se pode reconstituir como *Fabricius Tuscus II(vir?)*, que fez este monumento funerário à sua mãe, *Iunia Marcella*. As duas verticais, no final da l. 4, são cortadas a meio por uma linha de menor profundidade que corresponde sem dúvida ao traçado do tabuleiro de jogo, que se sobrepôs à inscrição, pelo que é impossível admitir que se trata de um H.

### Quem é Fabricius Tuscus?

Se ainda houvesse dúvidas<sup>22</sup> quanto à opção de leitura de Hübner para a l. 10 da inscrição CIL II 187 + p. 692<sup>23</sup>, desaparecida já no seu tempo, a leitura da l. 4 do epitáfio de *Marcella* vem desfazê-las. Cremos que podemos identificar o *Ilvir* de *Olisipo M. Fabricius Tuscus* como o filho de *Iunia Marcella*, por isso lhe reconstituímos o *praenomen M(arcus)*.

A referida inscrição CIL II 187 seria uma base de uma estátua dedicada ao Imperador Cómodo, cuja titulação justifica a datação proposta por Hübner de 178 / 180 d.C.; o que nos permite datar o epitáfio de *Marcella* da 2.ª metade do séc. II d.C. O seu colega no duovirato é Q. *Coelius Cassianus*, que aparece na já referida inscrição, CIL II 284<sup>24</sup>, proveniente de Dois Portos, Torres Vedras.

Se, como funcionário municipal e numa inscrição honorífica, é usual a menção do cargo, como dedicante da inscrição funerária da sua mãe, ela era dispensável e não nos parece que fosse prática regional no município olisiponense. Tenha-se em conta a inscrição funerária que o outro *Ilvir* da cidade faz ao filho, Q. *Coelius Aquila* (vide supra). Embora pouco vulgares, existem outros exemplos de menções do *cursus honorum* de um dedicante de inscrições funerárias a seus familiares, a maioria delas refere-se a uma memória funerária associada à construção de um monumento de tipo

<sup>22</sup> Entre as fontes de Hübner, já Bourdelot, Gruter, Anon. Napolitano e Salgado tinham admitido este gentílico, contra a opinião de Azevedo que propunha apenas *Fabri*. VIEIRA DA SILVA, *Epigrafia de Olisipo*, 1944, n.º 23, optou pelo gentílico *Fulvius*.

<sup>23</sup> *Imp(eratori) Caes(ari) Imper(atoris) / M(arci) Aurel(i) Antonini / Aug(usti) f(ili) divi Pii nep(oti) divi / Hadr[iani] pron(epoti) divi / Trai(ani) Parthici abnep(oti) / L(ucio) Aurelio Commodo / Aug(usto) German(ico) Sarm(atico) / Fel(icitas) Iul(ia) Olis(ipo) / per Q(uintum) Coelium Cassianum / et M(arcum) Fabricium Tuscum Ilvir(os)*.

<sup>24</sup> *D(is) M(anibus) / Q(uintus) Coelius / Aquila / ann(or)um XVI / h(ic) s(itus) e(st) / Q(uintus) Coelius / Cassianus / filio piissimo / p(onendum) c(uravit)*.

familiar<sup>25</sup>. Veja-se, por exemplo, o caso da inscrição de *Lucius Cornelius Secundus*, *Ilvir* de Barcino<sup>26</sup>. Como o texto funerário de *Iunia Marcella* está incompleto e o suporte foi reutilizado, recortado e sofreu forte desgaste, podemos sempre admitir que o que nos falta poderia explicar, à imagem de outras inscrições do Império, esta prática.

Não há dúvidas de que os *Fabricii* de Lisboa estavam associados às principais famílias das elites locais, embora a sua presença no território tenha sido fugaz e pouco intensa. Parece que algum do seu poder simbólico se deve a ligações familiares, por via feminina, como sugere o epitáfio de *Iunia Marcella*.



Foto de Guilherme Cardoso

<sup>25</sup> Cf. entre outros exemplos: em Nîmes, na actual França, AE 1982, 0685(B) – *D(is) M(anibus) / Corneliae Philaenidis / et Aemiliae Cornelian(ae) / IIIII(vir) Aug(ustalis) / L(ucius) Aemilius Asyncritus / uxori karissimae / et filiae piissimae / L(ucius) Aemilius Honoratus / et L(ucius) Aemil(ius) Cornelianus / matri optim(ae) sorori karissim(ae)*; em Alba Julia, na actual Roménia, CIL 03, 01213 add. p. 1015 – *Aureliae / Apolloniae / T(itus) Ael(ius) Lupus / eq(ues) R(omanus) pontif(ex) / et Ilviral(is) / coloniae / Apulensis / matri ca/rissimae*; em Buccino, Itália, AE 1988, 0413 – *D(is) M(anibus) / L(ucius) Vetinis Paulo et Severino / fili(is) pient(issimis) et / uxori matri / fil(iorum) et Aciliae / b(ene) mer(entibus) fecit Vetin(a) / Severus aedilis / Ilvir suis Pont(iae) / Esperidi et Aciliae / Soteri et sibi vivos / fecit*.

<sup>26</sup> Cf. IRC 4, 58; pl. 32, 58: *L(ucius) Cornelius G(ai) f(ilius) Gal(eria) Secundus / aed(ilis) Ilvir / Q(uinto) Cornelio G(ai) f(ilio) Gal(eria) Nigro / fratri / G(aio) Aemilio L(uci) f(ilio) Gal(eria) patri / Corneliae matri / Numitoriae L(uci) f(iliae) aviae*.

**BIBLIOGRAFIA**

- ABASCAL PALAZÓN, J. M., S. F. Ramallo Asensio, *La ciudad de Carthago Nova: La documentación epigráfica*, vol. I, Murcia, 1997.
- ALVES DIAS, M. M., “A propósito de duas inscrições romanas da Quinta de Torre de Ares (Luz, Tavira)”, *O Arqueólogo Português*, s.4, 6/7, 1988-1989, pp. 241-262.
- BELTRÁN LLORIS, F., “Los magistrados monetales en Hispania”, in *Numisma*, XXVIII, 1978, pp. 169-207.
- BOSCS-PLATEAUX, Françoise des, *Un parti hispanique à Rome? Ascension des Élités Hispaniques et pouvoir politique d’Auguste à Hadrien (27 av. J.-C - 138 ap. J.-C.)*, Casa de Velázquez, Madrid, 2005.
- CABALLOS RUFINO, A., *Los senadores hispanorromanos y la romanización de Hispania (siglos I - III p.C.)*, Sevilla, 1990.
- FABRE, G., M. Mayer, I. Rodà, *Inscriptions Romaines de Catalogne (IRC)*, IV - Barcino, Paris, Diffusion de Boccard, 1997.
- FERNANDES, L., E. Alberto, “Sobre os jogos gravados em pedra do Distrito de Castelo Branco”, *Açafa on-line*, n.º 2, Associação de Estudos do Alto Tejo, 2009, pp. 1-30 (com numeração do artigo).
- GIL FARRÉS, O., *La moneda hispánica en la edad antigua*, Madrid, 1966.
- HÜBNER, E., *Corpus Inscriptionum Latinarum (CIL)*, vol. II e supplementum, Berlin, 1869-1892.
- LEFEBURE, Sabine, “Q. (Luccius Albinus), flamen Provinciae Lusitaniae? L’origine sociale des flamines provinciaux de Lusitanie”, in M. Navarro Caballero - Ségolègen Demougin (eds.), *Élités hispaniques*, Bordeaux, 2001, pp. 217-239.
- MANTAS, V. G., “A estrada romana de Olisipo a Scallabis. Traçado e vestígios”, in *Actas da Mesa Redonda de Olisipo a Ierabriga, Cira Arqueologia, Junho 2012*, pp. 7-23.
- NAVARRO CABALLERO, M., J. L. Ramírez Sádaba (coords.), *Atlas Antropológico de la Lusitania Romana*, Mérida - Bordeos, Diffusion de Boccard, 2003.
- RABANAL ALONSO, M. A., J. M. Abascal Palazón, “Inscripciones romanas de la provincia de Alicante”, *Lucentum* 4, 1985 [1986], pp. 195-244.
- RAEPSAET-CHARLIER, M-T., *Prosopographie des femmes de l’ordre sénatorial (Ier-IIe s.)*, Peeters, Louvain, 1987.
- STYLOW, A., A. Ventura Villanueva, “Doppelstatuenpostamente und virtuelle Statuen. Neues zu Vorfahren mütterlicherseits und zu CIL II 195 aus Olisipo”, *Chiron*, 36, 2005, pp. 23-48.
- SYME, R., “Pliny The Procurator”, *Roman Papers*, II, pp. 742-773.
- VIEIRA DA SILVA, A., *Epigrafia de Olisipo (Subsídios para a História da Lisboa Romana)*, Lisboa, 1944.



## ÍNDICE

<i>De amicitia loquamur</i> . . . . .	5
MARIA CRISTINA PIMENTEL, PAULO F. ALBERTO	
Tabula Gratulatoria . . . . .	9
<i>Curriculum vitae</i> de Arnaldo Monteiro do Espírito Santo . . . . .	25
Contribuições de Arnaldo do Espírito Santo para o estudo da História . . . . .	59
JOSÉ MATTOSO	

### Secção I – Antiguidade Pré-clássica e Clássica

Em volta da <i>Eneida</i> . . . . .	65
MARIA HELENA DA ROCHA PEREIRA	
O sentido de <i>Dike</i> no poema <i>Trabalhos e Dias</i> de Hesíodo . . . . .	75
JOAQUIM PINHEIRO	
Aríon e o golfinho. Notas sobre a construção de uma lenda . . . . .	85
CRISTINA ABRANCHES GUERREIRO	
O banho de Aquiles nas águas do Estige. Reflexão breve sobre a origem e fortuna de um tema clássico . . . . .	93
LUÍSA DE NAZARÉ FERREIRA	
Variações rítmicas no trímetro sofocliano: dos <i>stiphe</i> com palavras-chave . . . . .	103
CARLOS MORAIS	
Lirismo a metro ou nova estética euripídiana? As Odes Corais de <i>Fenícias</i> . . . . .	111
SOFIA FRADE	
As leis comuns dos Helenos nas <i>Suplicantes</i> de Eurípides . . . . .	123
JOSÉ RIBEIRO FERREIRA	
Apolónio de Rodas 4.1-5: uma teia de sentidos . . . . .	133
ANA ALEXANDRA ALVES DE SOUSA	
O crime político das mulheres de Lemnos. De Apolónio de Rodas a Valério Flaco . . . . .	143
FRANCISCO OLIVEIRA	
Zeus nos <i>Fenómenos</i> de Arato: um deus democrata? . . . . .	157
FOTINI HADJITTOFI	

Utopia, paradoxografia e tradição literária nos <i>Incredibilia de Thule Insula</i> de António Diógenes .....	165
JOSÉ CARLOS ARAÚJO	
As jogadas de Sólon e a esperteza dos Atenienses: Plutarco e o uso irónico da teatralidade e das metáforas na <i>Vita Solonis</i> .....	175
DELFIN F. LEÃO	
O recém-nascido em Sorano de Éfeso .....	187
CRISTINA SANTOS PINHEIRO	
La “patria” romana .....	195
CARMEN CODOÑER	
<i>Oblitus factorum</i> : memória e esquecimento na <i>Eneida</i> .....	203
VIRGÍNIA SOARES PEREIRA	
Aspectos da construção da viagem na <i>Eneida</i> de Virgílio: <i>fatum</i> , conhecimento, incidente e obstáculo .....	215
CLÁUDIA TEIXEIRA	
Herodes-o-Grande na <i>Eneida</i> ? Nota a Verg. <i>Aen.</i> 8.642-645 .....	221
NUNO SIMÕES RODRIGUES	
Ercole, fra Antonio e Augusto (Prop. 4,9) .....	229
PAOLO FEDELI	
Tiempo mítico y espacio real en la poesía ovidiana del destierro .....	239
CARLOS DE MIGUEL MORA	
<i>Aliquid Magnum</i> a “épica” de Marcial .....	247
ANA MARIA LÓIO	
Pertinenza della similitudine del Nilo con la siccità della Argolide. Intertestualità, paradossografia e scoliastica nel quarto libro della <i>Tebaide</i> di Stazio .....	255
CARLO SANTINI	
A possibilidade da liberdade humana nos <i>Anais</i> de Tácito .....	265
ANTÓNIO DE CASTRO CAEIRO	
<i>Epicharis quaedam</i> .....	275
MARIA CRISTINA PIMENTEL	
O destino e a história nas <i>Vidas dos Césares</i> de Suetónio .....	285
JOSÉ LUÍS LOPES BRANDÃO	
A ética religiosa e social na Assíria (I milénio a.C.) .....	297
FRANCISCO CAMELO	
O ocaso do Império Ateniense. A batalha por Siracusa 415-413 a.C. ....	301
JOSÉ VARANDAS	
As cerimónias de coroação real dos Ptolomeus. Formas de reconfiguração política num país multimilenar .....	307
JOSÉ DAS CANDEIAS SALES	
Sobre a data da introdução do culto de Mitra em Roma .....	317
PAULO SÉRGIO MARGARIDO FERREIRA	

Em torno da versão portuguesa dos etnónimos do Ocidente peninsular e do nome dos <i>Zoelae</i> em particular .....	329
AMÍLCAR GUERRA	
Ptolomeu, <i>Geogr.</i> II 5, 6: XPHTINA ou *APHTINA? .....	343
JOSÉ CARDIM RIBEIRO	
Algumas considerações sobre a onomástica romana na região de Olisipo: os <i>Fabricii</i> .....	381
MARIA MANUELA ALVES DIAS	
CATARINA GASPAR	
Escavando entre papéis: sobre a descoberta, primeiros desaterros e destino das ruínas do teatro romano de Lisboa .....	389
CARLOS FABIÃO	

### Secção II – Antiguidade Tardia e Idade Média

How to read (and even understand) Cetiuss Faventinus VI, 4 .....	413
DAVID PANIAGUA	
<i>Los De (sancta) Trinitate de Isidoro de Sevilla</i> .....	419
MARÍA ADELAIDA ANDRÉS SANZ	
O poema astronómico do Rei Sisebuto .....	427
PAULO FARMHOUSE ALBERTO	
<i>Barbarismus y soloecismus</i> en el <i>Liber Glossarum</i> .....	437
JOSÉ CARRACEDO FRAGA	
Apostilla a la composición del códice Paris, BnF, latin 11219 .....	447
MANUEL E. VÁZQUEZ BUJÁN	
O legado de Constantino na identidade da Europa cristã: dois casos de estudo. ....	455
PAULA BARATA DIAS	
Observaciones iconográficas y filológicas al sarcófago paleocristiano (c. V) de Écija (Antigua Astigi, Sevilla) .....	465
ÁNGEL URBÁN	
<i>Passio</i> de São Sebastião: o poder do discurso martirológico .....	481
MARIA JOÃO TOSCANO RICO	
Existiram Suevos entre os reis Remismundo e Teodomiro? .....	491
RODRIGO FURTADO	
El culto a San Benito en Galicia .....	507
MANUELA DOMINGUEZ	
O culto de S. Tomás de Cantuária em Portugal: um manuscrito de Lorrvão como testemunho e outros indícios .....	517
AIRES A. NASCIMENTO	

### Secção III – Do Renascimento ao Século XVIII

Cuidado da alma e poética da solidão em Francisco Petrarca .....	537
LEONEL RIBEIRO DOS SANTOS	

D. Duarte, a prudência e a sabedoria . . . . .	551
† TERESA AMADO	
Isaac Abravanel vulto da cultura luso-judaica quatrocentista . . . . .	557
SAUL ANTÓNIO GOMES	
Consonância e Proporção na Arte de Edificar: do Mundo Antigo ao Mundo Moderno . . . . .	563
† VÍTOR MANUEL FERREIRA MORGADO	
Séneca Revisitado: A Tragédia Quinhentista . . . . .	575
NAIR DE NAZARÉ CASTRO SOARES	
Uma carta de Jacques Peletier a Pedro Nunes . . . . .	589
BERNARDO MOTA HENRIQUE LEITÃO	
Marcelo Virgílio e Amato Lusitano: a utilização do saber alheio para a lenta construção de um saber próprio (breves indicações) . . . . .	601
JOÃO MANUEL NUNES TORRÃO	
Fernando Oliveira e Louis Meigret: humanistas, gramáticos e tradutores de Columela . . . . .	611
ANTÓNIO MANUEL LOPES ANDRADE	
<i>Plus ultra e Sphera Mundi</i> . A propósito do termo <i>imperium</i> em Damião de Góis. Para uma abordagem contrastiva dos humanismos peninsulares . . . . .	619
ANA MARÍA SÁNCHEZ TARRÍO	
Fernão Mendes Irmão Novo . . . . .	631
LUÍS FILIPE BARRETO	
<i>Loca multum ante descripta</i> . Sobre um passo da <i>Menina e moça</i> . . . . .	653
RITA MARNOTO	
El influjo de Juan Luis Vives en Juan Lorenzo Palmireno: ¿ <i>Codex Exceptorius</i> o <i>Codex Excerptorius</i> ? . . . . .	661
JOSÉ MARÍA MAESTRE MAESTRE	
Un caso peculiar de recepción de la obra de Jerónimo . . . . .	683
M.ª ELISA LAGE COTOS JOSÉ M. DIAZ DE BUSTAMANTE	
Percurso histórico do códice seiscentista do <i>Livro que fala da boa vida</i> . . . . .	699
ANTÓNIO MANUEL RIBEIRO REBELO	
Luís da Cruz no elogio da Rainha Santa: em defesa de Roma, contra os ventos da Reforma . . . . .	707
MANUEL JOSÉ DE SOUSA BARBOSA	
<i>Mores qualitas fabulae</i> . Acerca de la función de los caracteres trágicos en la <i>Poética</i> de J.C. Escalígero . . . . .	717
MARÍA NIEVES MUÑOZ MARTÍN JOSÉ A. SÁNCHEZ MARÍN	
A Expressão das Relações de Poder no Prólogo da <i>Écloga Gérion</i> de Lucas Pereira . . . . .	727
JOSÉ SÍLVIO MOREIRA FERNANDES	
Vis & vis viva . . . . .	735
RICARDO LOPES COELHO	
Camões e Vieira, na senda de Ovídio . . . . .	745
CARLOS ASCENSO ANDRÉ	

Censura de alguns sermões no processo inquisitorial de Vieira . . . . .	755
MARIA LUCÍLIA GONÇALVES PIRES	
“As leis da boa e verdadeira retórica” . . . . .	761
ISABEL ALMEIDA	
O Sermão do Padre António Vieira sobre Santo Agostinho (Lisboa, 1648), com um aceno a Daniel Faria . . . . .	769
MÁRIO GARCIA, SJ	
Vieira, consciência crítica da Monarquia Restaurada . . . . .	777
JOSÉ NUNES CARREIRA	
Narratividade mítica da História segundo a epistemologia apocalíptica . . . . .	787
JOSÉ AUGUSTO RAMOS	
Alexandre Magno no imaginário futurista do Padre António Vieira . . . . .	795
ABEL N. PENA	
Roma, 1641: Uma Síntese Argumentativa da Restauração . . . . .	805
ANDRÉ SIMÕES	
Um “ <i>curioso de mãos</i> ”: Tomás Pereira, artífice na Corte de Kangxi (1673-1708) . . . . .	817
CRISTINA COSTA GOMES	
ISABEL MURTA PINA	
Sobre o ensino dos Jesuítas e o caminho para a descoberta das ciências . . . . .	825
MARGARIDA MIRANDA	
Os jesuítas no Japão, precursores do mundo global . . . . .	835
CARLOTA MIRANDA URBANO	
Função e intenção na correspondência enviada pela Rainha D. Mariana Vitória (1718-1781) a seus pais e a seu irmão D. Fernando . . . . .	843
VANDA ANASTÁCIO	

#### Secção IV – Do Século XIX aos Nossos Dias

O <i>Discurso historico e critico</i> ..., de D. Francisco Alexandre Lobo: um olhar diferente sobre a vida e a obra de Vieira . . . . .	859
ANA PAULA BANZA	
Vieira, Pascoaes e o Quinto Império . . . . .	869
MANUEL CÂNDIDO PIMENTEL	
Partes da 1.ª representação de <i>Frei Luís de Sousa</i> , de Almeida Garrett . . . . .	877
JOÃO DIONÍSIO	
Literatura: uma escola da vida . . . . .	887
MARIA DO CÉU FRAGA	
Vinte horas de leitura: como se fazem romances? . . . . .	893
HELENA CARVALHÃO BUESCU	
A música dos versos – Litanias finisseculares e contemporâneas . . . . .	901
PAULA MORÃO	
Pedro e Inês sob o signo do burlesco . . . . .	915
MANUEL FERRO	

A sedução impressionista de Walter Pater. . . . .	933
TERESA DE ATAÍDE MALAFAIA	
Coimbra. O mito da juventude no imaginário de Vergílio Ferreira . . . . .	939
MARIA DO CÉU FIALHO	
Filoctetes no Atlântico. Comentários a <i>The Cure at Troy</i> , de Seamus Heaney. . . . .	949
HELENA DE CARLOS	
O ponto de vista lutuoso em literatura. O caso de <i>Necrophilia</i> , de Jaime Rocha . . . . .	957
MANUEL FRIAS MARTINS	
A Vida Moderna de um Conceito Antigo: Democracia em Portugal no Século XIX. . . . .	965
RUI RAMOS	
“Meninas prendadas” e “fêmeas ambiciosas”: Portugal, Cajal e o papel da mulher na investigação biológica na primeira metade do século XX. . . . .	989
JOSÉ PEDRO SOUSA DIAS	
O que falta ao mundo de hoje, Humanismo ou Teocracia? . . . . .	1009
RAUL MIGUEL ROSADO FERNANDES	
O tempo do desejo . . . . .	1017
MANUEL J. CARMO FERREIRA	
Ideologia, ideologia. Uma nótula cursiva. . . . .	1023
JOSÉ BARATA-MOURA	
À <i>Mesa da Vida</i> . Comunidade e comensalidade em Michel Henry. . . . .	1035
JOSÉ MARIA SILVA ROSA	
Novamente a(s) Literatura(s), a(s) Arte(s) e a(s) Ciência(s). Apontamentos para um Projecto de Estudo Comparativo . . . . .	1047
ALCINDA PINHEIRO DE SOUSA	
A língua portuguesa e o relativismo linguístico . . . . .	1051
INÊS DUARTE	
Análise Crítica do Discurso: dimensões teóricas e metodológicas . . . . .	1059
CARLOS A. M. GOUVEIA	
Português para Fins Académicos: o que conta na produção do significado? . . . . .	1073
ANTÓNIO AVELAR	
<i>Memini</i> quae placidum nobis paruis Arnaldum dictae ou como o latim se tornou clarinho . . . . .	1087
ANA FILIPA ISIDORO DA SILVA	
RICARDO NOBRE	